

Tecendo Matapi e Memórias: Uma Prática familiar no Rio Campompema¹

Matheus Silva Azevedo

Bárbara Faciola Pessoa Baleixe da Costa

Luiz de Jesus Dias da Silva

Resumo: Este artigo busca fazer uma análise do cotidiano do assentamento Agroextrativista PAE São João Batista, localizado na região insular do município de Abaetetuba, no estado do Pará, especificamente no processo de produção artesanal do matapi, um instrumento fabricado artesanalmente para a captura do camarão, e que por décadas representou uma das formas de aquisição de renda para diversas famílias da região, atento na venda do produto, quanto na venda do camarão capturado com ele. O objetivo é explorar o significado histórico dessa prática para a comunidade, destacando as memórias afetivas coletivas que ainda permanecem vivas de momentos singulares vividos nos mutirões coletivos, que reuniam várias gerações de uma mesma família para a produção do matapi. À base metodológica, utilizou-se da etnografia, às bases de Geertz (1978), Lakatos e Marconi (1991) buscando compreender como práticas simbólicas e comportamentais refletem valores, identidades e estruturas sociais; em Magnani (2002), toma-se uma perspectiva “de perto e de dentro”, e também a complexidade da categoria distância (Velho, 1981) pois para além da imersão direta e participante na realidade do território durante o desenvolvimento desta pesquisa, o primeiro autor é nativo do território estudado. Os resultados evidenciam o *boom* efêmero da produção e exportação em massa do produto, assim como a manutenção, ainda que tênue desta prática atravessando gerações até hodiernamente. Concomitantemente, foi possível compreender os vínculos afetivos familiares oriundos dos longos momentos de sociabilidade vividos na produção coletiva do matapi.

Palavras-chave: matapi; mutirão; memórias coletivas; fazer artesanal.

1. Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa etnográfica (Geertz, 1978; Velho, 1981; Magnani, 2002; Mattos e Castro, 2011) realizada no âmbito familiar sobre a prática da tecelagem do matapi às margens do rio Campompema, no Projeto de Assentamento Extrativista (PAE) São João Batista, Nordeste Paraense. O matapi, é uma espécie de gaiola feita artesanalmente para a captura do camarão, que articula o saber-fazer local às atividades de subsistência e renda, ele representa a materialização de saberes construídos ao longo de gerações, articulando conhecimentos locais, estratégias de subsistência e formas de organização socioculturais comunitárias.

A pesquisa buscou compreender a relevância dessa atividade artesanal na história do tecer realizado pela comunidade, analisando os processos de mudança e adaptação dos materiais empregados em sua fabricação, os significados simbólicos e culturais atribuídos ao

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

artesanato e os aspectos afetivos que permeavam os antigos mutirões familiares de produção. Por meio das memórias dos moradores, procurou-se captar as dimensões subjetivas envolvidas nessa prática, evidenciando como o trabalho compartilhado também constituía um espaço de transmissão de conhecimentos, experiências e valores.

O trabalho está estruturado em três partes, além desta introdução. Inicialmente, apresenta-se o matapi enquanto artefato e técnica de pesca amplamente disseminada na Amazônia, situando sua presença especialmente em Abaetetuba, localizado na região do Baixo Tocantins. Em seguida, descreve-se o território do Assentamento São João Batista e a trajetória familiar de um dos autores, nativo da comunidade, explicitando o percurso metodológico da pesquisa, fundamentado na etnografia "de perto e de dentro" (Magnani, 2002), na complexidade da categoria distância (Velho, 1981) e no caráter interpretativo da descrição etnográfica (Geertz, 1978). Na terceira parte, são reunidas histórias e memórias dos mutirões de produção do matapi, evidenciando as transformações econômicas, materiais e sociais vividas pela comunidade ao longo das últimas décadas, bem como a forma como práticas simbólicas e comportamentais expressam valores, identidades e estruturas sociais (Lakatos; Marconi, 1991). Por fim, tecem-se as considerações finais sobre a permanência e a transformação desse saber tradicional.

2. Entre o buriti e a maré: o matapi

A região Amazônica oportuniza diversos tipos de atividades pesqueiras (Furtado, 1981). A pesca artesanal no Pará, que pode ser subdividida em costeira, fluvial e lacustre, conta com antigos processos de pesca, com grande influência indígena, dentre eles a pesca com matapi (Furtado, 1981). Veríssimo (1895) descreve a armadilha como um cesto destinado a captura de peixes:

O matapi, especie da nassa européa, é um grande cesto conico, tecido das talas da curiosa palmeira trepadeira, a jacitara. (Desmonchus). Como já vimos nos cóvos de pescar tartarugas, o tecido, que começa do fundo ou apice do cone arredondado, chegado á larga abertura circular volta-se para dentro, convergindo para o centro as pontas das talas. Com um peso no fundo e iscas diversas dentro mergulham o matapi. O peixe atraído pelo engodo penetra pela bocca que se lhe abre franca não podendo sair depois por o não deixarem as arestas do tecido reunidas em ponta de funil. O matapi é usado, geralmente, como um recurso extremo, nos lugares baixos, sem corrente, beiradas de igarapés e lagos, mesmo lagòas e pogas d'agua, pequenas enseadas, e os peixes que nelle caem são principalmente os gijús, os tamuatás, os acarás, e outros, pequenos como estes. A um matapi maior, mais largo, para peixes mais grandes (1) chamam, em alguns lugares, mundurú. la-me esquecendo dizer que

o matapi é mergulhado inteiramente n'água fixado a um páo. Geralmente o colocam à tarde ou a noitinha para o recolherem pela manhã (p.118-119, *sic*)

Lourdes Furtado (1981), por sua vez, ao falar dessas armadilhas no rio Cajari, Marajó, a descreve como destinada a captura de camarões:

“[...] tem uma forma cilíndrica em cujas extremidades estão suas *bocas* fechadas por talas de marajá em forma de funil. Por elas penetram o camarão. Lá o *matapi* é destinado à pesca de camarão, o qual é atraído pela isca de pirão d'água cozido com gorduras. Este depositado num vasilhame, geralmente uma lata, que fica pendurada no interior da armadilha. (p.15)”

No contexto do Baixo Tocantins, o matapi é o instrumento de pesca usado para a captura do camarão (Caetano, 2017; Pereira, 2019), e possibilita tanto o consumo e a venda do alimento, como a economia ligada à confecção do artefato em si, seja dos elementos que o compõe, como a comercialização dos cipós que amarram as talas, seja do matapi pronto: “Outra atividade local que gera renda é a confecção de matapis por pescadores artesanais e suas famílias nas Ilhas de Sirituba. Após a venda deste produto, essa produção gera uma renda mais diversificada para a população ribeirinha.”, explica Caetano (2017, p.139), ao analisar a realidade de Sirituba, uma das ilhas que também compõem o arquipélago de Abaetetuba.

Foto 1: Matheus Azevedo mostra um Matapi usado por ele e sua família em casa



Fonte: Acervo dos autores

Na região insular de Abaetetuba o matapi é recorrentemente feito com a tala de jupati, palmeira que vive em margens de rios, igarapés e baixios de áreas alagadas, e que pode atingir até 30 metros de altura, destacando-se na paisagem local (Oliveira et al, 2006). Há, entretanto, relato de matapis feito com outras talas, como a do marajá, em outras localidades, como no Cariri, no Marajó (Furtado, 1981) ou também a substituição de seus componentes naturais por sintéticos, como garrafas PET e/ou hastes de PVC. As amarrações das talas com

cipós naturais regionais têm sido substituídas por fibra de poliuretano na região (Caetano, 2017). A isca ou *puqueca* feitas de aninga também tem dado espaço às sacolas (Pereira, 2019) ou outros recipientes plásticos. O matapi é menos um fóssil e mais um artefato vivo, relacionado a uma série de processos históricos, sociais, culturais e econômicos.

Foto 2 e 3: Árvore do Miriti/Buriti e Recipiente da Isca



Fonte: Acervo dos autores

3. Os matapis de casa: Estranhando o familiar em São João Batista

Às margens do rio Campompema, no Baixo Tocantins, Nordeste paraense, o Assentamento São João Batista, classificado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), abriga uma população de mais de 400 famílias. Suas raízes remontam ao séc. XVII a XVIII, segundo a reconstrução histórica presente no Protocolo Comunitário-Autônomo-Biodiversidade de Consulta e Consentimento da Comunidade (iniciado em 2023, ainda em construção) o qual acompanhamos algumas rodas de conversas e etapas. O território, segundo o Relatório Territorial de Belém e Abaetetuba (IPEA, 2015), compreende aproximadamente 471 hectares, apresentando um clima superúmido e altas temperaturas, e está inserido em um arquipélago de 72 ilhas pertencentes ao município de Abaetetuba.

Ribeirinhas e ribeirinhos de Abaetetuba desenvolvem sobretudo atividades relacionadas ao extrativismo, a pesca, ao artesanato, ao cultivo de plantas medicinais e ornamentais, pequena criação de animais, a roça e a produção de rabetas, canoas e cascos a remo e embarcações de madeira (Almeida, 2009) e não diferentemente ocorre em São João Batista. Na comunidade, guardam-se marcas históricas de ocupações indígenas, negras e

portuguesas, resultando em uma cultura híbrida refletida nas diversas práticas da comunidade, inclusive a construtiva (Silva, Azevedo, 2025).

O primeiro autor deste artigo, é nativo do território, onde a produção do matapi constitui uma prática tradicional amplamente difundida e vivenciou, ao longo de sua trajetória de vida, a experiência da tecelagem desse artefato no contexto familiar e comunitário. Seu envolvimento com a confecção do matapi remonta à infância, sendo resultado de um processo de transmissão intergeracional de conhecimentos, no qual o aprendizado ocorreu por meio da observação, da participação e da prática cotidiana.

Essa trajetória tem origem em seu avô, Manuel Pinto, reconhecido na comunidade como um importante produtor de matapi e responsável por liderar, durante os anos 2000, um dos maiores mutirões familiares destinados à confecção desse artefato, experiência registrada em entrevista apresentada neste estudo. Nesses mutirões, reuniam-se filhos, filhas, genros, noras, netos e demais parentes em um processo coletivo de trabalho, no qual a produção do matapi se articulava à transmissão de saberes, ao fortalecimento dos vínculos familiares e à valorização dos conhecimentos tradicionais.

Após o falecimento de Manuel Pinto, a prática foi mantida por seus filhos e filhas, entre eles o pai deste autor, Manuel Azevedo, preservando a dinâmica dos mutirões por vários anos. Organizados de forma rotativa entre as residências da família, esses encontros possibilitaram que este autor, juntamente com suas irmãs e primos, participasse desde cedo das diferentes etapas da produção, especialmente do casear, denominação local atribuída à tecelagem do corpo do matapi. Paralelamente aos mutirões, a produção também fazia parte da rotina doméstica, permitindo que o aprendizado ocorresse de forma contínua e integrada ao cotidiano familiar.

Foto 4 e 5: Espaço de Armazenamento dos Materiais do Matapi e Matapi ao lado de casa



Fonte: Acervo dos autores

Essa vivência confere ao autor uma perspectiva situada sobre a tecelagem do matapi, fundamentada não apenas na pesquisa desenvolvida, mas também na experiência direta com os processos de fabricação, com os saberes compartilhados entre gerações e com as transformações observadas ao longo do tempo. Entre essas mudanças, destaca-se a redução progressiva dos mutirões familiares, que atualmente ocorrem com frequência muito menor do que no período em que marcaram sua infância, evidenciando as mudanças sociais e culturais que atravessam a continuidade dessa prática tradicional familiar.

Assim, este trabalho etnográfico interpreta "de perto e de dentro" (Magnani, 2002), em primeira mão, ações sociais nas quais um dos autores está inserido, condição que, seguindo Geertz (1978), não isenta a descrição de seu caráter interpretativo. Leva-se em conta, ainda, a complexidade da categoria distância: o familiar não é necessariamente conhecido, e o exótico não é necessariamente desconhecido (Velho, 1981). A subjetividade do pesquisador está presente em qualquer trabalho de investigação; e a proximidade do pesquisador pode ser lida como uma possibilidade de enriquecimento da pesquisa, ao permitir revisitar o campo, reavaliar teorias e submetê-las mais facilmente a colegas que compartilham da mesma realidade estudada (Velho, 1981).

Adotou-se a etnografia como base metodológica, compreendendo-a como uma abordagem capaz de revelar os significados presentes nas ações sociais cotidianas e nas interações sociais. A pesquisa fundamentou-se na observação direta e participante, acompanhando as atividades e os modos de fazer relacionados à produção do matapi. Conforme apontam Mattos e Castro (2011), a etnografia busca compreender o sentido das ações diárias por meio da documentação das práticas sociais, permitindo acessar dimensões mais profundas das relações estabelecidas em determinado contexto. Tal perspectiva possibilitou compreender essa prática artesanal, afastando-se das interpretações estritamente pragmáticas e produtivistas frequentemente associadas aos processos de fabricação e comercialização.

Também foram realizadas conversas e entrevistas abertas com moradores pertencentes a famílias que, por muitos anos, tiveram na produção e venda do matapi uma importante fonte de renda. Hoje, esses sujeitos preservam em suas memórias os conhecimentos técnicos, as experiências de trabalho e as formas de sociabilidade construídas em torno dessa atividade, tornando-se importantes guardiões de um patrimônio cultural transmitido principalmente pela oralidade.

3. Em mutirão: histórias e memórias do matapi

Segundo relatos das conversas com anciãos, a comunidade de São João Batista possui uma trajetória marcada por transformações nos modos de trabalho e subsistência de suas famílias. Durante muitos anos, a principal atividade econômica da comunidade esteve associada ao cultivo da cana-de-açúcar. Nesse período, os moradores trabalhavam em terras cedidas pelos proprietários dos engenhos e, em contrapartida, comercializavam toda a produção para esses mesmos proprietários, geralmente por valores reduzidos. Com as mudanças promovidas pelo Intuito Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no Brasil, em especial dos anos de 1985 a 2010, nesse ínterim, o modelo foi gradativamente interrompido, provocando profundas alterações na organização econômica da comunidade. Muitas famílias passaram a enfrentar dificuldades para garantir renda para sua subsistência e viviam em condições precárias de moradia.

A criação e posterior reconhecimento do território como Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista pelo INCRA, representaram uma mudança significativa para as dinâmicas de condições socioeconômicas dos moradores. Uma das primeiras políticas foi a construção das moradias, pelo crédito habitação conquistado pela Associação do Projeto de Assentamento, a APAESBIA. Antes, várias gerações de uma mesma família moravam na mesma casa, após a distribuição e construção das moradias, as casas pontuais e espaçadas espacialmente ao longo do rio, começaram a tornar-se as vilas, o que garantiu melhores condições de vida, permanência e privacidade para as famílias. Nesse novo contexto, as famílias passaram a desenvolver outras formas de geração de renda, entre as quais o artesanato ganhou destaque. Embora a pesca continuasse sendo uma atividade importante para a comunidade, ela já não era suficiente para atender às necessidades econômicas das famílias. Foi nesse cenário que a produção do matapi passou a ocupar um lugar cada vez mais relevante. Como recorda Neide Azevedo, em entrevista realizada em 13 de agosto de 2023, “os meus pai e avô não vivia só do matapi, vivia do lanço, mas com o tempo, né, nós aqui em casa, e muitas outras famílias por aqui pelo rio, começamo a nos sustentar só com o matapi”.

A fala evidencia uma mudança gradual nos meios de subsistência da comunidade, de uma geração a outra, marcada pela crescente importância do artefato na composição da renda familiar. Com o aumento da produção, o matapi passou a ser comercializado para além dos limites da comunidade. Segundo Dona Maria Azevedo, em entrevista realizada em 22 de julho de 2023, “a notícia do que era o matapi correu logo, e as pessoas gostaram e

começaram a se interessar pra comprar o matapi, e foi espalhando as vendas pra outras cidades e nós também fomos aumentando e fazendo essa grande produção pra vender”. Diante do impacto causado pela ampla demanda externa, as famílias empreenderam esforços para se adaptarem a esse cenário de exportação em larga escala, ampliando a produção, o que resultou na reorganização do trabalho.

Entende-se que foi nesse contexto que os mutirões ganharam ainda mais força dentro do assentamento. Diversos grupos passaram a se organizar coletivamente para atender à demanda externa. Cada grupo de mutirão operava de acordo com sua logística, que sempre era decidida de modo coletivo, mesmo que cada mutirão tivesse uma/um organizadora/or. Um exemplo é o mutirão liderado por dona Maria Azevedo, entrevistada em 22 de julho de 2023, que diz, "Aqui nós tinha um grupo de mulher que se reuniam pra fazer matapi pra vender pra fora, nós se dividia e cada um fazia o que era mais rápido ou gostava mais, e assim nós fazia 10 matapi tranquilo por dia".

Nesse grupo, a produção era organizada de modo que a renda obtida fosse distribuída igualmente entre todas as participantes. Em outros mutirões, especialmente organizados por núcleos familiares, os recursos arrecadados eram destinados às necessidades coletivas da família, e a renda total era administrada pelo genitor. Apesar dessas diferenças, todos os grupos compartilhavam princípios de cooperação, ajuda mútua e trabalho coletivo, constituindo importantes formas de organização comunitária que contribuíram para a manutenção da atividade durante várias décadas.

Esta forma de organização de trabalho não se restringia somente à produção do matapi, na comunidade, era comum a realização de trabalhos coletivos relacionados à pesca, à roçagem dos terrenos e à colheita do açaí, os quais ainda acontecem recorrentemente até hoje. Na fabricação do matapi, cada participante assumia uma etapa específica do processo produtivo, o que tornava o trabalho mais rápido e eficiente. A divisão das tarefas permitia que a produção ocorresse de maneira organizada, ao mesmo tempo.

Outro aspecto importante relacionado aos mutirões familiares diz respeito à participação intensa de todos os membros da família, incluindo crianças e adolescentes. Em muitos casos, a necessidade de contribuir com o trabalho dificultava o acesso à educação formal. Manuel Azevedo, em entrevista realizada em 26 de julho de 2023, relata que ele e seus irmãos não conseguiram concluir o ensino fundamental ou médio devido à dificuldade

de conciliar os estudos com as atividades de produção do matapi. A dedicação ao trabalho era uma necessidade imposta pelas condições de vida da época, já que a renda obtida com a venda do artesanato era indispensável para a subsistência familiar, pois apesar de se ter alimento provenientes das criações, do pescado, do açaí, todos os demais gastos com higiene pessoal, roupas, e as variedades da cesta básica de alimentos eram adquiridos com a renda desta produção.

Apesar das dificuldades, as lembranças dos mutirões são frequentemente associadas a momentos de convivência e união. Um registro importante dessa experiência ocorreu em 2004, quando a TV Rural realizou uma reportagem sobre a produção familiar da produção de matapi. Na ocasião, Manuel dos Santos Azevedo (pai), falecido em 2007, e sua família, que eram uma das referências mais ativas na produção do artesanato em mutirões, foram entrevistados enquanto toda a família participava exatamente de um momento de trabalho, como no registro da figura 6, onde mostra seu Manuel, patriarca da família, sentado em sua rede como de costume, observando e orientando as várias gerações de sua família à produzir o artesanato.

Foto 6 e 7: Entrevista da TV RURAL com seu Manuel em 2004



Fonte: TV RURAL

Ao falar sobre aquele momento, afirmou: "Aqui eu fico satisfeito, de ver tudo os meus filho na minha "lharga", eu tenho muito orgulho[...] Eu brinco com eles, “persigo” e assim nós vamo fazendo", em *entrevista dada à TV RURAL em 2004*. As palavras de seu Manuel revelam aspectos que ultrapassam a dimensão econômica do trabalho. Essa forma de trabalho e produção engendrava na família a possibilidade da sociabilidade e, consequentemente, a sensação de pertencimento coletivo, uma vez que, à medida que cada indivíduo se dedicava a sua tarefa específica na confecção do matapi, também eram compartilhadas histórias,

brincadeiras, ensinamentos, se estabeleciam diálogos, risos e acordos sobre os rumos que a família deveria tomar. Na figura 7, vemos diferentes gerações de filhas, netas, genros e noras juntas/os empenhados na produção do matapi.

O trabalho coletivo criava oportunidades de encontro e convivência, fortalecendo os laços entre pais, filhos, irmãos, vizinhos e amigos. Como destaca Sabourin (2011) os valores afetivos e éticos gerados pelas relações de partilha correspondem a um sentimento de pertencimento e de confiança. “O sentimento de pertencer a um todo é muito forte e aparece de forma espontânea na maioria dos depoimentos de camponeses, associado a uma noção de unidade, de solidariedade, de força e de vida do ser coletivo ou comunitário” (Sa, 2011, p. 38)

Atualmente, os mutirões já não são tão frequentes no Assentamento São João Batista. Poucos grupos permanecem ativos, entre eles o formado por Manuel Azevedo (filho) e seus irmãos, que mantêm uma prática iniciada ainda na infância. A organização, entretanto, sofreu adaptações ao longo do tempo. Hoje, cada dia é dedicado a um dos irmãos, responsável por definir as atividades que serão realizadas. Além da produção do matapi, os trabalhos incluem a roçagem de terrenos, a colheita do açaí e outras tarefas relacionadas à manutenção da vida no campo.

Foto 8, 9 e 10: Mutirão de produção de matapi dos filhos de seu Manuel Pinto.





Fonte: Acervo dos autores

Embora o número de famílias envolvidas na fabricação do matapi tenha diminuído, aquelas que continuam desenvolvendo essa atividade desempenham um papel fundamental na preservação desse saber tradicional. Em *Pedagogia & Comunicação* (2026), temos que “o artesanato é um dos mais ricos do mundo, além do que, garante o sustento de muitas famílias e comunidades. O artesanato faz parte do folclore e revela usos, costumes, tradições e características de cada região”

A partir dessas experiências, observa-se que a construção, a comercialização e a utilização do matapi para a captura do camarão se enraizaram profundamente na história de vida das famílias da comunidade. Atualmente, essa prática não representa apenas uma fonte de renda ou uma atividade produtiva, mas também um conjunto de memórias, afetos e experiências compartilhadas.

Ademais, buscamos relatar aqui sobre os materiais para a produção do artesanato, de onde vinham e de onde vêm hoje, quais eram utilizados e igualmente como ele é produzido atualmente.

Para isso é importante compreender que populações tradicionais caracterizam-se por estabelecer relações de subsistência diretamente vinculadas à natureza, desenvolvendo seus modos de vida em estreita dependência dos ciclos sazonais. Entre elas estão os varzeiros,

quilombolas, indígenas, caiçaras, pescadores artesanais, caipiras, comunidades pantaneiras e ribeirinhas, caboclos, seringueiros e outros povos extrativistas (Barreto Filho, 2006).

No Assentamento PAE São João Batista, localizado em Abaetetuba-PA, a produção artesanal de artefatos obtidos a partir dos recursos naturais constitui uma prática antiga e presente na memória das famílias da comunidade. Ao longo das gerações, os moradores desenvolveram e passaram conhecimentos relacionados ao manejo da floresta, dos rios, das marés e das espécies vegetais utilizadas em suas atividades cotidianas, permitindo que cada geração aprendesse não apenas a confeccionar os artefatos, mas também a compreender os períodos adequados para a coleta dos materiais e para a realização das atividades produtivas.

Durante conversa realizada com Manuel José Quaresma Azevedo, um dos pioneiros na produção do matapi na comunidade São João Batista, foram relatadas as formas tradicionais de obtenção dos materiais e os conhecimentos necessários para a utilização do instrumento na captura do camarão:

Antigamente nós tirava a tala do jupati, a envira e garachama tudo do mato e esses material davam o ano todo. Já pra botar o matapi, a gente ia vendo a maré e aprendendo que quando ela tá grande, de lançante, de janeiro à junho, o matapi é botado nos igarapé e nas baixas no mato, que dá mais o camarão, e quando a maré quebra, no verão, de julho à dezembro, o matapi é botado nas margem do rio (Manuel Azevedo, entrevistado em 19 de agosto de 2023)

O relato demonstra que a utilização do matapi sempre esteve associada à observação dos ciclos naturais. O conhecimento das marés, dos períodos de cheia e vazante e dos locais onde o camarão se concentra em determinadas épocas do ano orientava, e ainda orientam as estratégias de captura utilizadas pelas famílias. Da mesma forma, a escolha dos materiais empregados na fabricação dependia da disponibilidade dos recursos encontrados na floresta e nos terrenos comunitários.

Ao observar a trajetória da produção do matapi na comunidade, percebe-se que diversas mudanças ocorreram ao longo do tempo. Algumas delas foram incorporadas gradativamente ao cotidiano dos artesãos e, muitas vezes, passaram despercebidas, embora tenham provocado alterações importantes nos modos de produzir e nos materiais utilizados.

Segundo Manuel Azevedo, em entrevista realizada em 19 de agosto de 2023:

Antes, né, nós conseguia todos os materiais que a gente precisava no mato, cipó-titica, a garachama e a tala do jupati. Aí, como muita gente começou a fazer o

matapi praticamente sem parar, e tirar os materiais do mato, mesmo nós cuidando do mato, roçando, esses materiais foram acabando no nosso mato.

Atualmente, são frequentes os relatos de famílias que encontram dificuldades para obter todos os materiais necessários diretamente em seus terrenos. A tala de jupati, a garachama e parte das fibras utilizadas na produção passaram a ser adquiridas na cidade sede de Abaetetuba, alterando uma dinâmica que durante muitos anos esteve baseada quase exclusivamente na coleta local, o que consequentemente altera o preço do produto.

Essa transformação também é mencionada por Manuel Azevedo:

Hoje em dia ainda dá pra encontrar esse material ainda no mato, mas também é comum encontrar materiais prontos na feira, em loja, né, como a fibra que a gente utiliza hoje em dia, que antes não tinha. Antes era só cipó, agora já é possível casear o matapi com a fibra, né, que é de plástico e dura mais

Ao comparar exemplares antigos com os produzidos atualmente, é possível identificar mudanças significativas nos materiais empregados. O cipó-titica e outros materiais vegetais passaram gradualmente a ser substituídos por fibras sintéticas e cordas plásticas, principalmente em razão da maior resistência e durabilidade desses materiais. Alterações semelhantes ocorreram nas poquecas, que são os repositórios dos farelos anexados ao matapi antes de ir à água para atrair o camarão. Antigamente feitas com folhas de aninga, hoje são frequentemente substituídas por recipientes plásticos perfurados encontrados nos rios, e por sacolas plásticas.

Outra mudança observada ao longo da pesquisa refere-se aos mutirões de produção anteriormente citados. Atualmente, cerca de 06 grupos familiares mantêm a prática de maneira contínua, preservando uma dinâmica que anteriormente era compartilhada por diversas famílias do assentamento.

As mudanças também repercutiram diretamente no valor comercial do produto. Conforme relata Neide Azevedo (entrevista realizada em 2023): “Ficou muito mais caro, mas por causa da compra, né. Antes se tirava do mato os material, depois que tivemos que comprar, teve que vender mais caro”.

O aumento dos custos de produção pode ser percebido quando se compara o valor de comercialização do matapi em diferentes períodos. Em reportagem realizada pela TV Rural no ano de 2004, Domingos da Trindade, conhecido como seu Assopra, grande liderança da comunidade e então Secretário Municipal de Agricultura, informou que: “a unidade do

matapi está sendo vendida por dois reais e, em vendas no atacado, chega ao valor de um real e setenta centavos”. Atualmente, o mesmo produto pode alcançar valores de até treze reais por unidade nos mercados locais.

Foto 11: Entrevista da TV RURAL com seu Manuel em 2004.



Fonte: TV RURAL

As mudanças observadas nos materiais, nas formas de obtenção dos recursos, nos modos de organização do trabalho e no valor comercial do produto percebe-se que mesmo diante das transformações que ocorreram gradualmente ao longo da história da comunidade, ainda assim, a produção do matapi permanece presente no cotidiano de algumas famílias, acompanhando as adaptações impostas pelo tempo, pelas condições ambientais e pelas novas necessidades econômicas dos moradores do Assentamento São João Batista.

"No caso do matapi, que é um símbolo presente na oralidade, além de promover o sustento de algumas famílias, é importante fonte de saberes que são repassados de pais para filhos sem perder sua essência e que vem resistindo às modificações ocorridas com o passar dos anos" (Cardoso, 2018).

Os resultados apresentados constituem uma forma de registro sociocultural da comunidade e contribuem para o reconhecimento e a valorização dos múltiplos saberes que nela permanecem vivos apesar das transformações socioeconômicas e das influências externas que vêm modificando as dinâmicas locais. Sua produção mobilizou, durante décadas, famílias inteiras em mutirões de trabalho coletivo, nos quais o ato de tecer se confundia com momentos de convivência, aprendizagem e fortalecimento dos vínculos comunitários, que Simmel (2006), define enquanto sociabilidade como sendo a forma mais pura da interação social, caracterizada por relações estabelecidas pelo simples prazer da

convivência, que, transforma a própria interação em um fim em si mesma (p.67). Nesse contexto, a prática se entrelaça às histórias e memórias daqueles que viveram estes momentos, contribuindo para a construção de uma “noção de unidade, de solidariedade, de força e de vida do ser coletivo” (Sabourin, 2011, p. 38), fruto deste espaço de reciprocidade, convivência e prazer compartilhado.

Além de seu papel econômico, o artesanato ocupa lugar central na constituição das identidades locais; conforme destaca Pereira (2019), para muitas famílias e comunidades, ele não apenas gera renda, mas também expressa tradições, conhecimentos e modos de vida que caracterizam determinados territórios. Nessa perspectiva, passamos a compreender a prática da tecelagem, e ainda, o próprio matapi além da sua função utilitária, pois por décadas foi a centelha de produção da sociabilidade, e com isso, se entrelaça ao que Geertz (2008) chamou de “teia de significados”, que é a própria cultura, profundamente associado à história e à memória coletiva da comunidade.

As narrativas reunidas evidenciam que a prática coletiva da tecelagem e a transmissão oral dos conhecimentos, como prática particular de ensino aprendizagem diferente do ambiente escolar convencional, como destaca Cuimar (2013), fortalecem laços afetivos, produzem sentimentos de pertencimento e participam diretamente da formação de valores éticos e morais. Trata-se de um modo de viver, ensinar e aprender, característico de muitas comunidades amazônicas, onde a memória, ou a ideia de memória social, como cunhada por Bosi (1987), evidenciam a experiência passada e adquirida na convivência, como parte fundamental na manutenção da identidade coletiva.

4. Considerações Finais

A pesquisa permitiu compreender que a produção do matapi ocupa um lugar significativo na história do Assentamento PAE São João Batista, estando associada às transformações econômicas, às formas de organização do trabalho e aos processos de transmissão de conhecimentos entre gerações. Ao longo de sua trajetória, a atividade acompanhou mudanças importantes relacionadas à obtenção dos materiais, às técnicas empregadas na fabricação, às formas de comercialização e à própria organização coletiva do trabalho. Essas mudanças evidenciam uma capacidade de adaptação das famílias diante das novas condições ambientais, econômicas e sociais que passaram a compor seu cotidiano.

As narrativas reunidas demonstram que os conhecimentos necessários para a confecção e utilização do matapi foram construídos a partir da experiência acumulada pelas populações ribeirinhas em sua relação com os rios, as marés e a floresta. O domínio sobre os ciclos naturais, a seleção dos materiais adequados e as estratégias de captura do camarão constituem um conjunto de saberes produzidos localmente e transmitidos principalmente pela oralidade e pela prática cotidiana.

Os relatos também evidenciam que os mutirões desempenharam papel fundamental na consolidação dessa atividade dentro da comunidade; a produção coletiva permitia atender às demandas econômicas das famílias, ao mesmo tempo em que criava espaços de convivência, cooperação e aprendizagem. Nesses encontros circulavam técnicas de fabricação, experiências de vida, conselhos, histórias familiares e formas de organização comunitária que contribuem para a continuidade da prática ao longo das gerações.

Ao analisar as mudanças ocorridas nas últimas décadas, observa-se a redução dos mutirões, a substituição gradual de materiais naturais por insumos industrializados e a crescente necessidade de aquisição de recursos anteriormente encontrados nos próprios terrenos das famílias. Tais transformações refletem processos mais amplos que atingem comunidades tradicionais em diferentes regiões da Amazônia, alterando tanto as condições de produção quanto às relações estabelecidas com o território e os recursos naturais.

Nesse contexto, o matapi permanece como um importante elemento da memória social da comunidade. Sua presença nas narrativas dos moradores revela trajetórias de trabalho, estratégias de subsistência, experiências familiares e formas de sociabilidade construídas ao longo do tempo. Registrar essas histórias significa contribuir para a valorização de conhecimentos que continuam presentes no cotidiano local, ainda que submetidos a constantes processos de transformação.

Por fim, este trabalho buscou registrar parte da memória coletiva relacionada à produção do matapi no rio Campompema, reconhecendo a relevância dos saberes preservados pelos moradores do Assentamento São João Batista. Em um cenário marcado por mudanças econômicas, ambientais e culturais, a documentação dessas experiências constitui uma forma de fortalecer a visibilidade de práticas e conhecimentos que integram a história da comunidade e ajudam a compreender suas formas de viver, trabalhar e produzir no território.

Referências

ALMEIDA, A. W. B. (coord.). **Nova cartografia social da Amazônia: ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural**. Manaus, AM: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2009.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. ***Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção***. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (org.). *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006

BOSI, Ecléa. ***Memória e sociedade: lembranças de velhos***. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CUIMAR, R. M. ***Saberes e práticas culturais de agricultores familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do dendê***. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

CAETANO, Marta Coutinho. ***Estratégias para manejo dos recursos naturais na pesca de camarão-da-amazônia *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) na Ilha de Sirituba, Abaetetuba - PA***. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

CARDOSO, Maria Cristina dos Santos. ***Tecendo Matapi: uma arte de fazer no rio Campompema***. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2018

FURTADO, Lourdes Gonçalves. ***Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará***. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, Belém, n. 79, p. 1-50, abr. 1981.

GEERTZ, Clifford. ***A Interpretação das culturas***. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). ***Observatório da função socioambiental do patrimônio da União na Amazônia: relatório territorial de Belém e***

de **Abaetetuba**. Rio de Janeiro: IPEA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/816a50bc-2f68-4bb1-a62b-638856e8bdd6>. Acesso em: 30 jun. 2026.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002. DOI: 10.1590/S0102-69092002000200002.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

OLIVEIRA, Jorge; POTIGUARA, Raimunda Conceição de Vilhena; LOBATO, Luiz Carlos Batista. **Fibras vegetais utilizadas na pesca artesanal na microrregião do Salgado, Pará**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 1, n. 2, p. 113-127, maio-ago. 2006

PEREIRA, Rosenildo da Costa. **Uma etnografia da prática de fabricação de matapi por ribeirinhos da Amazônia**. *Revista Terceira Margem Amazônia*, v. 5, n. 13, p. 212–226, jul./dez. 2019.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. **COMUNIDADES TRADICIONAIS, MEIO AMBIENTE E TRABALHO: ANÁLISE DA PESCA COM MATAPI POR RIBEIRINHOS AMAZÔNIDAS**. *Terceira Margem Amazônia*, [S. l.], v. 4, n. 12, 2019. DOI: 10.36882/2525-4812.2019v4i12p%p. Disponível em: <https://www.revistaterceiramargem.com/terceiramargem/article/view/268>. Acesso em: 26 jun. 2026.

PEDAGOGIA & COMUNICAÇÃO. **Artesanato: cerâmicas, rendas e outros tipos de artesanato brasileiro**. UOL Educação. Disponível em: [UOL Educação – Artesanato](<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/artesanato-ceramicas-rendas-e-outros-tipos-de-artesanato-brasileiro.htm?>). Acesso em: 30 jun. 2026.

SABOURIN, Eric. **Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento.** *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 24–51, maio/ago. 2011. DOI: 10.1590/S1517-45222011000200003.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Luiz; AZEVEDO, Matheus. **ARQUITETURA VERNACULAR AMAZÔNICA: UMA ETNOGRAFIA DOS SABERES E FAZERES TRADICIONAIS NO RIO CAMPOMPEMA, ILHAS DE ABAETETUBA-PA.** *Revista Arquitetura e Lugar*, Campina Grande, v. 3, n. 9, p. 16–29, 2025. DOI: 10.35572/arql.v3i9.6394. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/arql/article/view/6394>. Acesso em: 26 jun. 2026.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar. In. Individualismo e Cultura,** Rio de Janeiro: Zahar. Pp. 123- 132, 1987.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia.** Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1895. 206 p.